

A VELHA GUARDA

Orgão local do Partido Republicano Portuguez

Editor:

AGOSTINHO F. ROCHA

Propriedade da Empresa de A Velha Guarda

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARAES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:—RUA ELIAS GARCIA, 46—Composto e impresso na Tip. de A VELHA GUARDA—Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

Malhando em ferro frio

Temos aqui dito e muitas vezes demonstrado que a obra da dissidência tem sido completamente nula e prejudicial aos interesses do concelho e que a Câmara nada tem feito de útil e benéfico apesar de ter sobrecarregado os municípios com impostos pesados. Porém, não obstante a crítica que aqui lhes temos feito, as coisas caminham cada vez a peor. Mas nós prometemos não largar o assunto, enquanto rumo diferente não for seguido, amarrando ao pelourinho da ignominia esses pobres pigmeus, que a ambição fez atvorar em pseudo-gigantes, afectando superioridade e eloquência, e que negaram o seu passado, para darem o espectáculo triste que se está vendo.

Não arredaremos um passo sequer e a nossa campanha ha-de ir até ao fim dessa farça que para si se representa.

Havemos de lhes tirar direitas contas dos seus promettimentos e das suas basofias, porque não é impunemente que se engoda o população duma cidade, calunhando, para cevar ódios e satisfazer ambições.

Mas, por agora, já nem queremos saber do que a Câmara poderia fazer e não faz.

Já nem queremos saber dos seus promettimentos que não cumpre.

Já nem queremos saber a razão porque a Associação Commercial se vê na necessidade de tratar e resolver assuntos que a Câmara compete resolver.

Nós contentamo-nos com que, ao menos, os serviços municipais corram com normalidade e ordem.

Mas nem isso, infelizmente!

As ruas e largos da cidade encontram-se num estado de inundação que nos envergonha, parecendo que o serviço da limpeza foi votado ao mais completo abandono.

Por onde quer se vêem sardinheiras, vendendo sardinha, sobre os passeios, sem que appareça alguém que as proiba.

As aguas, á falta dos mananciaes prometidos, andam reguladas á maneira do relógio official.

Ha fontanários que hoje abrem a uma hora e amanhã a outra, sendo necessário o público estar de sentinella a vêr quando chega o momento do encarregado dar ao registo.

No que diz respeito aos serviços dependentes da Administração do Concelho, estamos na mesma.

O presidente da Câmara é quem tem servido de administrador do concelho, de juiz, etc. E, se hoje é o presidente quem desempenha estes cargos, amanhã é o vice-presidente, para, no dia seguinte, tomar conta d'elles o vereador mais velho, como tem acontecido.

Ora, por esta forma, era mesmo impossível que os serviços dependentes da Administração do Concelho, Tribunal, etc. fossem mais bem regulados que os dependentes da Câmara Municipal.

E é por isso que nós temos presenciado por si scenas que

nos desacreditam no conceito dos visitantes desta cidade.

Os pedintes da natureza do "Rigor", vagueiam por si, incomodando os transeuntes, sem que ninguém os incomode.

Os noctivagos campeiam infrenes, sem que appareça um guarda que os advirta nos seus excessos de linguagem e berreiro.

As mulheres de má nota, passeiam, como em terra conquistada.

E, para fecho da obra, os ladrões trabalham livremente, praticando as suas costumadas proezas.

Tudo corre pois, *au jour le jour*, sem uma cabeça que dirija, sem uma vontade que governe.

Até quando?...

Afonso Costa

Com intimo desvanecimento, com legitimo orgulho, publicamos os telegramas que, entre o eminente homem de Estado, verdadeira gloria nacional, que é o Dr. Afonso Costa e o Presidente da República e Ministro dos Estrangeiros, este em nome de todo o Governo, ultimamente se trocaram, ao encerrar-se a Conferencia da Paz.

Consola-nos vêr como homens que tanto combateram Afonso Costa, acabam por lhe prestar a justiça que se impõe a tão extraordinário talento e a tão acrisolado patriotismo. Seguem os telegramas:

«Sua Excelencia o Senhor Presidente da Republica. — Lisboa. — Tendo agora assinado, em nome de Vossa Excelencia, o tratado com a Turquia, terminou, finalmente, a minha missão official, em que tive a honra de representar a Republica Portuguesa e o seu mais alto magistrado e em que procurei defender, dedicadamente e sem descanso, os mais altos direitos e interesses da nossa querida Patria. Passei, como Vossa Excelencia sabe, horas angustiosas e dificeis, mas tive a fortuna de assistir ao levantamento do nosso pais na consideração mundial e ao reconhecimento dos seus sacrificios e da sua heroidade. No momento em que me recolho á vida tranquilla de simples cidadão, saúdo em Vossa Excelencia a suprema encarnação da Republica e da Patria, e tenho a honra de lhe apresentar a expressão da minha intima amizade pessoal. — (a) Afonso Costa.»

«Senhor Doutor Afonso Costa — Hotel Continental. — Canterets: — Recebi o telegrama de V. Ex.ª e sinceramente agradeço, em nome da Nação, os altos serviços que a missão de que V. Ex.ª foi chefe illustre, prestou a Portugal. Lembra V. Ex.ª as horas amargas, que sofreu no desempenho das suas altas funções. Bem conheço esses transes dificeis, porque na minha esfera de acção os senti igualmente, através da rude prova a que elles nos sujeitaram, e por isso reconheço ser legitimo que V. Ex.ª sinta

agora a satisfação do dever cumprido, com indiscutivel exito material e moral, para os interesses e para o prestigio do Pais. Os serviços que V. Ex.ª prestou são inolvidaveis — e por elles lhes deve a Patria profundo reconhecimento. Por minha parte, como chefe da Nação, envio-lhe calorosos agradecimentos e ao mesmo tempo um abraço de verdadeira e firme amizade pessoal. — (a) Antonio José de Almeida.»

«Senhor Doutor Afonso Costa — Hotel Continental. — Canterets: — Acsando a recepção do telegrama em que V. Ex.ª me comunica o termo da sua alta missão e o encerramento da delegação portugueza á Conferencia da Paz, a que presidiu com assinalada competencia, zelo inexcedivel e acendrado patriotismo, apresento a V. Ex.ª os cumprimentos e os agradecimentos do governo da Republica pelos serviços, de rara elevação, prestados ao Pais, durante o periodo dos inolvidaveis trabalhos agora findos. A esta manifestação official do reconhecimento de todo o governo ao grande portuguez que acaba de presidir, brilhantemente, á obra das reivindicações nacionaes, junto dos aliados da Republica, associo, com particular afeto e viva comção, as minhas homenagens pessoais, recordando a colaboração dedicadissima que sempre encontrei, como ministro dos negocios estrangeiros, da parte de V. Ex.ª, cujo conselho nunca me faltou e cuja amizade me foi demonstrada, em todas as conjunturas, da mais impressiva maneira. Ligo a esta sentida expressão dos meus agradecimentos, as mais affectuosas lembranças. — (a) Melo Barreto.»

UM APÊLO

Aos dirigentes do Partido Liberal, deste concelho, vimos fazer um pedido, invocando a sua própria dignidade de vimaranenses, que se ha-de sentir humilhada, vendo que, á frente do concelho, como seu administrador e—o que é revoltante!—como juiz de direito, presidindo á Justiça, aqui, num dos primeiros concelhos do pais, estão criaturas como o A. L. de Carvalho!

Não pode ser! E' a suprema das vergonhas para esta terra! E' o maior dos escarneos!

O Governo está constituído por forma que compete aos liberaes informa-lo.

Venha um administrador, seja de que partido for, mas que saiba ler e escrever e não esteja imiscuido em negociatas escuras de açucar e dinheiro de batota. Nomeie-se um juiz substituto que não seja uma afronta para a dignidade da Justiça.

Senhores liberaes; tenham compaixão desta terra!

Museu de arte sacra

Um jornal da terra referiu-se, largamente, a este assunto, ha tempos, e, se não estamos em erro, a Sociedade Martins Sarmento foi autorizada a tomar conta do tesouro da Colegiada, assumindo a responsabilidade de organizar um museu de arte sacra, nesta cidade.

Isto passou-se, ha um ano talvez, e que nos conste, esse museu ainda não existe.

O tesouro continua permanecendo na casa forte da Colegiada e somente a mobilia, que estava sob a responsabilidade da direcção do Centro Democrático, foi arteiramente surripiada para ir mobilar o salão nobre da Sociedade.

Está, pois, tudo como dantes e de nada valeu á referida gazeta a energia dispendida.

Qualquer visitante amigo e apreciador de coisas da arte antiga, que deseje ver o rico tesouro da Oliveira, tem que se dirigir ao lugar, onde elle sempre esteve, só com a diferença de que, em vez de procurar a respectiva chave na Comissão Concelhia Administradora dos Bens do Estado, deverá procurá-la na Sociedade M. Sarmento.

Daqui se deprende que a Comissão Concelhia A. dos B. do E. não teve em vista senão o ver-se livre do trabalho e da responsabilidade de ir abrir a porta da casa forte da Colegiada ás pessoas que quizessem ir ver o tesouro.

E isto prova-se, porque a Comissão Concelhia anterior officiou, em tempo, á Sociedade M. Sarmento, communicando-lhe estar autorizada a entregar-lhe o tesouro da Oliveira, caso ella assumisse a responsabilidade da sua instalação, no seu edificio, nas devidas condições de segurança, e a Sociedade esquivou-se a recebê-lo, alegando não ter lugar seguro, onde pudesse guardá-lo.

Ora as mesmas razões alegadas, quando da Comissão Concelhia anterior, subsistem ainda, não nos constando que a Sociedade tenha procedido a quaisquer obras de adaptação destinadas á instalação do referido tesouro.

Quanto ao facto do mobiliário, que foi furtado ao Centro Democrático, ir servir no salão nobre da Sociedade, consideramo-lo uma habilidade manhosa e traiçoeira do sr. A. L. de Carvalho unica e simplesmente para satisfazer a sua vaidade lorpa, brindando a Sociedade com uma magnifica mesa e alguns bancos e cadeiras que ali faziam falta, na ocasião em que lhe foi dada a honra de presidir á festa de 9 de Março.

Se o referido mobiliário é tido como digno de figurar no museu, só depois d'este organzido pela Sociedade é que aquele devia transitar para lá, devendo ser ouvida a Direcção do Centro, e nunca furtado, como quem furta galinhas duma capoeira, pela calada da noite.

E mesmo depois do mobiliario aludido figurar no museu, apenas se devia conservar em exposição aos visitantes, em compartimento próprio, e nunca para a Socie-

de se servir d'ele no salão, onde realiza as suas festas solenes.

Como se vê a actual Comissão Concelhia A. dos B. do E. não teve outra coisa em vista senão o livrar-se dum pequeno cuidado e ceder a um dos seus membros a glória de presentear, cometendo um erro, a Sociedade com uma mesa que era lá muito precisa, como um dos membros da Direcção a alguém declarar.

E ficou nisto o tão celebrado museu de arte sacra, na cidade de Guimarães.

IMPRESSÕES e PENSARES

Aves da Noite

Vai a noite na adiantada hora do luar.

Tres da madrugada.

A cidade está imersa num silencio pesado de sono. As ruas desertas de passeantes turbulentos e açodados. Está a vida em descanso, o trabalho em repouso, o movimento suspenso. Trabalham só os cerebros ruminantes no aconchego mórno de fôfos leitinos num coordenar de ciladas habilidosas para melhor caça exploradeira ao desgraçado, que moído da labuta custosa, dorme como um animal fustigado em enxergas duras de bragal dendeoso.

O ceu dum negro esfarrapado tem a espaços um ponto luminoso de pupila a tremeluzir. A lua, lá no alto, espalhando uma poalha volejante de claridade já desbotada, quer acolher-se ao seio crespo dumas nuvens que sobem do fundo, para o curto descanso do seu brilho que espalha prodigamente, noites sem conta e horas sem fim, por este mundo de restrições agradecidas, pois só a ele prestam menagem os tunos espartos das serenatas rapioqueiras, e os D. Jôbes atrevidos de emprezas audaciosas e os ladrões encobertos de capoeiras por nele verem um auxiliador brilhante de sigilo e recato.

A espaços ralos de demora lá vai um retardatário que se quedou por aí nas tramas dum dos mil vicios da tentação, a largos passos, cabisbaixo, no desejo de se recolher lesto já que tanto tempo perdeu num demorar esquecido que não lhe trouxe vantagem nem proveito.

Passa agora uma frescata em ares marciaes de embevecimento sentimentalista do fado, despertando do sono os que dormem numa agitação espicaçada de remorso e aborrecendo os insones que se debatem praguejantes, aos tombos na cama, como naufragos ao alto dos vagalhões das ondas.

E' uma nota típica no silencio arrefecido da noite.

As cordas dos instrumentos fe- ridas com aspereza deixam um tenue ressoar que se vai perdendo e fugindo como caricia bafejante de uns labios de mulher que se despegam dos beijos.

Os tunos vão a cair de pizorgas, as pernas andam-lhes à frente num baralhar confuzo de indecisão, mas o fado, o choroso fado da nossa fraqueira e indolencia, que arrebatava a alma e caracteriza uma raça, é tocado com sentimento baboso de mimalhice e tem a inspiração alada que lhe empresta o fumo penetrante do carascão atrevido.

Uma voz presa, roída de placas pigarrosa, com intervalos longos de espera para nota mais frisante de sentimento choramingueiro, canta em acompanhamento do fado asperamente zangarreado nas violas, umas quadras tristes, dretelidas de sabor, de luto choroso, e queda no final de cada verso num trinado muito roufento a perder-se em abafadiço tom de surdina:

Eu hei de morrer cantando
lá que chorando nasci;
Não se me dá de passar
Caminhos que nunca vi.

Soa chocho e sabe a podre este sentimentalismo barbaço de borracheira.

O fado, mesmo o alindado fado da serenata calma, tem uns acordes dolentes de expressão tristeza que são o filtro do mal; o fado arrefece e quebranta as alegrias dum viver esperto, acorda a dor e chama a indolencia, amolece a vida, estraga as almas e perde os sentidos, e como um mago sugestivo de poder impertoso leva as criaturas num rolar de sonho por essas ruas, em perdidias noitadas de cantoria.

É um mal de scismas que não se cura, um vicio apaixonado dos corações doentes de amor que não se perde.

O fado é a alma, a vida, a liberdade a distracção e o gozo deste povo inteiramente sonhador que perde por saber amar, por saber chorar, por saber sofrer e por não saber viver.

O fado! A summa da nossa vida!

Serra Carvalho.

VARIA

ACUCAR

O negocio do açucar da Câmara é outra glória para a dissidência a juntar á do dinheiro da batota de Vizela. Mas esta do açucar, se não é mais correcta e, pelo meos, mais aumentada.

Distribuiram-se para ai uns kilos de açucar a um resumidissimo publico, entre o qual figuravam todos os compadres. Mas que é feito do restante?

Ha dias chegaram, com destino á Câmara, uns vagões de açucar branco. Onde para esse açucar?

Como é que a Câmara demonstra que todo o açucar, que tem recebido, tem sido distribuido, integralmente, pelo publico, e não tem

ido aos sacos para casa de alguns vereadores, ou não tem sido negociado por sócios e amigos a bom preço?

Como é que a Câmara destroi a afirmação que ainda ha dias, segundo se diz pelos cafés da cidade, foi feita por um lavrador no estabelecimento dos srs. Manoel Pinheiro Guimarães & C.ª, de que tinha levado, no seu carro, sacos de açucar para casa do sr. Moreira Salupia, presidente da mesma Câmara?

Como é que a Câmara, onde concordamos que haverá vereadores honestos, ha-de sair limpa de tanta porcaria?

Venham para publico com contas claras, que não deixem duvidas a ninguém, e, se o orgão do pessoal menor faltu, teem as colunas da «Velha Guarda» á sua disposição ou as do «Comercio de Guimarães», que, estamos certos, lhes não negará esse favor.

Mas se não ha possibilidade de demonstrarem a sua honestidade, então tenham vergonha, uma vez na vida, e abandonem as cadeiras do município, que conspurcam.

O dinheiro da batota de Vizela já era muito; agora o do açucar, é de mais!

Prata

Devemos que uma nova comissão foi formada para tratar do afimoseamento da Panha.

Esta faz m parte alguns membros que nos dão as melhores das esperanças de que se não continuará com tanta torpeza por ai se tem feito, algumas das, intensamente irremediáveis.

Oxalá nos não enganemos.

Penedo da Atouguia

A dissidência, para que se não pudesse dizer que só cuida de açucars e de leiros de batotas, para que se pudesse ufanar de ter, em fim, tomado a iniciativa duma obra que se visse, mandou quebra o formoso penedo que está em frente ao cemitério da Atouguia!

Já está estupidamente mutilado, mas, mesmo assim conservem o que resta.

Um jornal da terra se refugio já a este vax alimo, lembrando que auto Sarmiento sobre lava aquela soberba pedra, onde, dizia elle, tão bem assentaria a esttua de F.ª.

Al dissidência é impossivel perceber como se pode achar ludo um penedo que tem boa pedra pode dar para esculpturas e sinos dos amigos. Mas não percebendo, não lhe poderá bostar a pinhão de Sarmiento?

Dr. Avelino Germano

Do sr. Fernando da Costa Freitas, filho do fado Dr. Avelino Germano da Costa Freitas, que foi um médico distinto e um dos virmatenses que ma honra tem dado a esta terra, recebemos a seguinte carta:

Ex.ª Redacção de A VELHA GUARDA

Guimarães.

No numero desse semanario relativo ao dia 14 do corrente mes, só ontem recebido, o que explica a demora deste protesto, diz-se que o Sr. Dr. Mattos Chaves vem exercendo a subdelegacia de saúde do concelho de Guimarães há 43 anos, isto é, desde 1877 (sic).

Houve evidente engano! O que S. Ex.ª vem exercendo desde aquelle ano, a contento geral, como é sabido, é o cargo de medico municipal, o que faz sua deferencia.

Quanto ao outro, ao de subdelegado de saúde, foi elle exercido durante mais de 40 anos (quarenta annos) por um pobre medico que ai houve.—o Dr. Avelino Germano da Costa Freitas—que V. Ex.ª certamente não conheceram e em quem, evidentemente, jamais ouviram falar, que o desempenhou SEM TER RECEBIDO DURANTE ESSE LONGUISSIMO PERIODO A MENOR RETRIBUICAO. O MAIS INSIGNIFICANTE PAGAMENTO DOS SEUS SERVICOS—ARRISCADOS E VALIOSOS—PORQUE FOI SO DEPOIS DA SUA MORTE, em 22 de Dezembro de 1908, que os subdelegados de saúde passaram a receber o ordenado (sic) de 200000 por ano o que lhes chega para poderem andar calçados!

Rogando, pois, a V. Ex.ª, se assim o julgarem de justiça, uma rectificação ao que foi publicado, isso lhes agradeço com tanto maior reconhecimento quanto me parece excessivamente cedo para ser "quecido quem tujó sacrificou ao bem do sua terra—TAO MAL PAGO E TAO MAL AGRADECIDO!

De V. Ex.ª
conterrá:co e muito obrigado
Lisboa, 27 de Agosto de 1920.

(n) Fernando da Costa Freitas.

A banal confusão que houve em atribuir o sr. Dr. Mattos Chaves o cargo de subdelegado de saúde que, de facto, ha a os exerce, com o de facultativo municipal, não merecia, a nosso ver, tão caloroso protesto. Uma simples rectificação seria mais que sufficiente.

Quanto á frouta com que o sr. Freitas nos atribue o esquecimento do seu pai, temos a dizer-lhe que não podemos aceitar auxilio de memoria da parte de quem tin cado esque eu que fomos nós que demos a uma das ruas da parte central da cidade, o nome de "Dr. Avelino Germano".

Noticiario

Engilato

Ha dias, na Povoia de Varzim, deu-se uma violenta scena de pugilato entre os srs. Lauro Caramalho ex-administrador deste concelho e Coronel Alcino Machado, actual comandante do Regimento de infantaria 20.

Sabemos que o sr. Isolino Ciramelho quiz, assim, tirar um publico desforço da lufam a que constituiu o processo que lhe foi movido como executor de monarquias, do que foi absolvida em conselho de guerra, infâmia que ele attribue ao sr. Coronel Alcino.

Antonio Barbosa

Para a Povoia de Varzim, com sua Esposa, seguiu hoje este nosso amigo e velho republicano.

Dellivrance

A esposa do nosso amigo sr. José de Freitas Neves Pereira, a sr.ª D. Margarida Lobo de Souza Machado, deu á luz uma creança do sexo feminino, a qual recebeu o nome de Maria Augusta. Foram padrinhos o sr. Dr. Alberto Ribeiro Jorge, proprietario, e sua conhada a sr.ª D. Deolinda Ferreira Jorge. Os nossos parabens.

Padre Antonio Teixeira

Foi nomeado administrador do concelho de Fafe, tendo tomado posse no dia 3 do corrente, o nosso amigo e correligionario P.ª Antonio de Jesus Teixeira.

Doente

Tem estado gravemente doente, tendo porém sentido algumas melhoras, o nosso prezado amigo sr. José Antonio da Silva, estimado comerciante desta cidade.

Membro

Os nossos correligionarios Cordeiro & Irmao, foram victimas d'um ronho por motivo de arrombamento no seu estabelecimento no Campo da Misericordia, na noite de 27 do mes fiado.

É o resultado de completo abandono em que está a cidade por parte da policia e da guarda republicana.

Alma Peregrina,

É o titulo dum livro de versos de que é autor o sr. Marques Mendes, editado pela Imprensa Esquiva, de Braga.

Vamos lê-lo com attenção e daremos depois a nossa impressão aos leitores.

Na visita de o'ha rápida que lhe lançamos, encontramos posses de muito sentimento e revelando no auto especiais aptidões para a arte a que parece dedicar uma grande paixão.

Agradecemos, penhorados a exemplar que nos ofereceu.

Exposição

Até ao dia 20 do corrente, achase aberta ao publico na sede da Escola Industrial de «Francisco de Holanda», a exposição dos trabalhos escolares executados pelos alunos daquela escola, no anno lectivo de 1919 a 1920.

Merece ser visitado por todos os que se interessam pelo progresso desta terra.

Expediente

Prevenimos os nossos assinantes de que vamos proceder á cobrança, pelo correio, da importancia da assinatura relativa ao semestre corrente, de que esta numero é o décimo terceiro.

Atendendo á que é grande a despesa de cobrança e á que este jornal, feito sem qualquer intuito de lucro, representa um encargo para a sua empresa, esperamos dever a todos a grande fiabilidade de pagarem os recibos, logo que lhes sejam apresentados.

Para que serve a Escola Industrial de «Francisco de Holanda», em Guimarães

A Escola Industrial é destinada a preparar aprendizes em cursos de aprendizagem e operários em cursos de aperfeiçoamento, podendo fructuar a utilidade de ambos os sexos.

O CURSO GERAL DA ESCOLA INDUSTRIAL habilita para a admissão á frequência das escolas de Arte Aplicada—destinadas a ensinar o ensino do desenho especializado e officinal necessario aos artistas das Artes Industriais.

O CURSO COMPLEMENTAR DA ESCOLA INDUSTRIAL é muito de preferença para a admissão á Escola Normal para o Ensino do Desenho,—destinada a preparar convenientemente os professores para o ensino do desenho nas escolas de Artes e Officinas Industriais, Preparatórias e de Arte Aplicada.

Os individuos que vivem em oblivido aprovação no curso do grau geral ou complementar da Escola Industrial, desde que não tenham idade superior a quinze annos completos, sejam habilitados ao exame de admissão nos INSTITUTOS INDUSTRIAIS—destinados a formar auxiliares de engenheiros, chefes de indústrias e condutores de trabalhos.

Por sua vez, e em dispensa de um curso completo, especializado, dos INSTITUTOS INDUSTRIAIS—aos individuos que pretenderem matricular-se, como alunos ordinários, no INSTITUTO SUPERIOR TECNICO—destinado a ministrar o ensino da engenharia adaptada ás necessidades da technica e da industria nacionalis.

Com o curso completo da Escola Industrial pôde concorrer-se, como professor provisorio, ao 9.º grupo dos Leões de S.ª adscrito ás Escolas Industriais.

Aos alunos pobres de R. CO-NHECIDO MÉRITO, que não tenham recursos para seguir os cursos industriais, concede o Estado um subsidio, em tanto dura em as condições que o justifiquem, habilitando-os a proseguir nesses estudos até ao diploma de qualquer curso especial de INSTITUTO SUPERIOR TECNICO.

Na Escola Industrial, alem dos cursos naturaes de arte, amu-

to, ha tambem CURSOS DIURNOS, de aprendizagem. Destes cursos faz parte o Curso Geral, de que não só aos alunos ordinários, mas ainda aos alunos voluntários, que pretenderem instruir-se em determinadas disciplinas, facilitam a escreverem diários a frequência dos alunos do sexo feminino.

Aos alunos ordinários dos CURSOS DIURNOS PODERÁ SER ATRIBUIDO UM SUBSIDIO, quando o mereçam, pela sua applicação e bom comportamento.

Nos laboratórios das Escolas Industriais pôdem ser feitos para o publico, mediante remuneração e quando sejam compatíveis com o ensino, análises, experiências e ensaios de aparelhos, materiais e processos susceptíveis de ventarosa applicação nas indústrias locais.

ANUNCIOS

Leilão de Penhores

Domingo, dia 10 de Outubro, a principiar ás 9 horas da manhã, na casa penhorista da Rua do Gravador Molaninho, n.º 39 a 43, junto ao Tribunal desta cidade, (antiga casa Veloso) proceder-se-á a leilão dos objectos abandonados.

Pede-se aos senhores mandatarios o favor de pagarem os juros em debito até ao dia 5 do mesmo mez, porque passado esse dia não se recebem juros.

Esta casa, legalmente habilitada, continua a efectuar transacções sobre todos os objectos que representem valor, com a maxima seriedade e segredo.

Guimarães, 5 de Setembro de 1920.

Ernesto Teibão & Cia

Escola Industrial de «Francisco de Holanda»

EDITAL

Pela direcção d'esta escola se faz publico que, desde o dia 1 a 20 de Setembro se ach aberta a matricula para os alunos que pretenderem frequentar esta escola no anno lectivo de 1920 a 1921.

As disciplinas professadas são:

Desenho geral elementar
Desenho jornalmental e modelação.

Desenho mecânico.
Lingua portugueza.
Lingua franceza.
Arithmetica e geometria.
Geografia e Historia.
Principios de fisica e quimica e noções de tecnologia.

Quimica industrial.
Os pretendentes devem dirigir-se á secretaria desta escola, todos os dias uteis, desde as 12 horas ás 17, onde lhes serão prestadas as informações de que carecerem.

Guimarães e Secretaria da Escola Industrial de «Francisco de Holanda», 28 de Agosto de 1920.

O Director da Escola,
Abel de Vasconcelos Cardoso